

1.

**Liberdade — Igualdade — Fraternidade**

A revolução de 1793, diga-se o que se disser, nem era socialista, nem materialista, ou, servindo-me da expressão pretenciosa do Sr. Gambetta, ela não era nada *positivista*. Ela foi essencialmente burguesa, jacobina, metafísica, política e idealista. Generosa e infinitamente grande nas suas aspirações, quis uma coisa impossível: o estabelecimento duma igualdade ideal, no seio da desigualdade material. Conservando, como bases sagradas, todas as condições da desigualdade económica, ela acreditava poder reunir e envolver todos os homens num imenso sentimento de igualdade fraternal, humana, intelectual, moral, política e social. Este foi o seu sonho, a sua religião manifestada pelo entusiasmo e pelos actos grandiosamente heróicos dos seus melhores, dos seus maiores representantes. Mas a realização deste sonho era impossível, porque era contrária a todas as leis naturais e sociais. (Obras, III, 190-191, 70).

Ela tinha proclamado a liberdade de cada um e de todos, ou antes tinha proclamado o direito de ser livre para cada um e para todos. Mas realmente não deu os meios para realizar esta liberdade e para gozar senão aos proprietários, aos capitalistas, aos ricos. (Obras, V, 316, 71).

*Liberdade, Igualdade, Fraternidade*. Mas que igualdade? A igualdade perante a lei, a igualdade dos cidadãos, não a dos homens; porque o Estado não conhece os homens, só conhece os cidadãos. Para ele, o homem só existe enquanto exerce — ou, por uma pura ficção, supostamente exerce — os di-

reitos políticos. O homem esmagado pelo trabalho forçado, pela miséria, pela fome, o homem oprimido socialmente, explorado economicamente, esmagado, e que sofre, não existe para o Estado, que ignora os seus sofrimentos e a sua escravatura económica e social, a sua servidão real que se esconde sob as aparências duma illusória liberdade política. É pois a igualdade política, não a igualdade social. (Obras, V, 322-323, 71).

Enquanto não houver igualdade económica e social,... a igualdade política será uma mentira...

Eis o que nem os grandes heróis da Revolução de 1793, Danton, Robespierre, Saint-Just, compreenderam. Eles só queriam a liberdade e igualdade políticas, não económicas e sociais. E é por isso que a igualdade fundada por eles constituíram e consolidaram a dominação dos burgueses sobre o povo.

Eles julgaram que iludiam esta contradição pondo como terceiro termo da sua fórmula revolucionária a *Fraternidade*. Foi mais uma mentira! Eu pergunto se é possível a fraternidade entre exploradores e explorados, entre opressores e oprimidos? Como? Hei-de fazer-vos suar e sofrer durante um dia inteiro, e à noite, quando tiver recolhido o fruto dos vossos sofrimentos e do vosso suor, deixando-vos unicamente uma pequeníssima parte para que possam viver, isto é, suar e sofrer novamente amanhã para meu proveito, — à noite, dir-vos-ei: abracemo-nos, somos irmãos!

É assim a fraternidade da Revolução burguesa. (Obras, V, 329-330, 71).

Os jacobinos de 1793 eram grandes homens, tinham o fogo sagrado, o culto da justiça, da liberdade e da igualdade. Não foi culpa deles não terem compreendido melhor certas palavras que ainda hoje resumem todas as nossas aspirações. Eles só consideraram o aspecto político, não o aspecto económico e social. Mas, repito-o, não foi culpa deles, como não é nosso o mérito de os compreendermos hoje. É a culpa e o mérito do tempo... é só pela sucessão

de erros e de faltas, e sobretudo de experiências cruéis, que são sempre a sua consequência necessária, que os homens conquistam a verdade. (Obras, V, 334, 71).